



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, ASSISTENCIA E RECREIO

BOLETIM INTERNO

DA

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO, ASSISTENCIA E RECREIO

Orientação e Responsabilidade da Secção Técnico-Educacional

ANO III

JUNHO DE 1949

NUMERO 6

| INDICE | PGS. |
|--|------|
| <u>EDUCAÇÃO</u> | |
| "O hábito na formação do homem do Futuro" - por Dr. João de Deus Bueno dos Reis, Médi- co-Chefe de Hd-1, adido à Comissão de Or- ganização e Planejamento | 175 |
| "Método Científico em Pesquisas" - por D. Noêmia Ippolito, Chefe da Secção Técnico Educativa e Conselheira de Educação Ge- ral | 178 |
| "Ficha de Conduta Individual" - por Maria Ignez Longhin, Conselheira de Visitadoras Social Psiquiátricas | 181 |
| <u>EDUCAÇÃO SANITARIA</u> | |
| "Semana dos Bons Dentes" | 184 |
| <u>RECREAÇÃO</u> | |
| "O Trabalho manual nos Parques Infantis" - por Edith Alves Motta, Educadora Recrea- cionista do P.I. da Barra Funda | 186 |
| <u>HIGIENE</u> | |
| "Tratamento de água das piscinas" - por Le- opoldo Strongoli, Escriturário - Estudante de Engenharia | 187 |
| <u>MATERIAL DIDATICO</u> | |
| "Casamento na Roça", autoria de Ari Vieira Albuquerque | 191 |
| "Conversa entre surdas" | 199 |
| "Festas Joaninas" - Sugestões úteis | 200 |
| <u>DIVERSOS</u> | |
| "O ensino do xadrez nos Parques Infantis" .. | 202 |
| <u>PLANTÃO MEDICO</u> | 204 |
| <u>BIBLIOTECA ESPECIALIZADA</u> | 205 |
| <u>CALENDARIOS</u> | 206 |
| <u>INSTRUÇÕES, AVISOS, APELOS</u> | 209 |
| <u>NOTICIARIO</u> | 212 |



E D U C A Ç Ã O

O HABITO NA FORMAÇÃO DO HOMEM DO FUTURO

"É a escassez e não a abundância de hábitos que nos força a ruína e nos mantém na mediocridade".

William James.

"Nossa vida ordinária se baseia, em grande parte, em nossos hábitos, e podemos dizer que somente deles dependem muitas de nossas atividades diárias como também nossa vida social e nossa reputação".

A.D.Mueller

"Quem procede, depois de justo exame e deliberação, com reta intenção e segundo a prudência, não deve inquietar-se a respeito do bom ou mau sucesso das suas ações".

D. José Maria de Almeida e Araujo
Corrêa de Lacerda.

Nossa vida é constituída de problemas que surgem e se nos impõem quando menos esperamos. São frutos de nosso pensamento ou das circunstâncias ambientes.

O que suaviza o nosso viver é que nossas ocupações cotidianas nada mais representam que resoluções estaladas de problemas rotineiros, quase simples reflexos condicionados, pois, habitualmente agimos sem que seja necessário tomar conhecimento do que estamos fazendo.

Imaginemos quanto tempo e energia seriam consumidos se tivéssemos que consultar nosso entendimento e nossa vontade para realizar os atos simples de todos os dias, denominados hábitos (vestir, praticar atos higiênicos, caminhar, etc,) e dos quais depende grandemente o êxito de nossas relações diuturnas.

Aos Educadores cabe a grande responsabilidade da criação de bons hábitos nos educandos, responsabilidade ainda maior se atentarmos ao fato de que os hábitos não se limitam aos aspectos físicos ou motores da vida; compreendem também as atividades intelectuais, morais, sociais e estéticas.

O meio social força a criança a manter-se dentro de um certo nível, muito acima de suas próprias tendências: para ultrapassá-lo são necessários grandes esforços e perseverança, enquanto que, para rebaixá-lo é bastante deixar que as mesmas tendências sejam arrastadas pela anarquia de seus caprichos e pelos desregramentos de seus prazeres. Na aquisição de hábitos, a criança tende a fazer aquilo que lhe provoca satisfação e a evitar o que lhe causa constrangimento, obrigando os Educadores a iniciar suas tarefas quanto antes, tendo sempre presente o grau de desenvolvimento estrutural ou de maturidade do educando, nunca forçando a adquirir hábitos superiores a suas possibilidades orgânicas.



Muitas perturbações nervosas e emocionais dos adultos são frutos de maus hábitos e de conflitos originados na infância ou na adolescência.

O Mestre que deseje verdadeiramente exercer o elevado mister de educar, deve observar e descobrir os interesses, as tendências e a capacidade de seus alunos, tanto geral como especial, induzindo-os, individualmente, a adquirir hábitos que influam benéfica e decisivamente na formação do seu caráter e na organização de sua vida mental-social, constituindo firme alicerce para suas aptidões, atitudes e ideais.

O desequilíbrio provocado pelo grande conforto material proporcionado a esta geração, em contraposição às dificuldades educativo-assistenciais criadas pela carência de verdadeiros educadores e pelas competições aquisitivas, ameaçam destruir os alicerces da presente civilização, corrompendo o caráter daqueles que se deixam levar pela ambição de haveres e de posições, sem se preocupar com o objetivo máximo que a sua profissão lhes impõe, tal seja o de contribuir, positivamente, para o aperfeiçoamento da personalidade humana.

Se encararmos especificadamente o problema da formação ou aquisição de hábitos, vamos encontrar uma série de postulados que nunca devem ser esquecidos por todo aquele que tenha sobre si a responsabilidade de formar cidadãos.

Em primeiro lugar, é preciso ter presente que - "a memória é o fundamento do hábito". "A impressionabilidade e a retentividade são duas importantes características dos neurônios de nosso sistema nervoso". Sem a memória nunca seria possível gravar conhecimentos, decorar dados, adquirir habilidades indispensáveis à vida.

O hábito:

- A - encontra fundamento orgânico nas três principais características dos neurônios:
 - a - sensibilidade ou capacidade de serem excitados por estímulos adequados;
 - b - condutividade ou capacidade de transmitir o impulso ou corrente nervosa do seu ponto de origem até o lugar da atividade;
 - c - modificabilidade ou capacidade de produzir modificações na conexão nervosa entre o estímulo e a resposta;
- B - depende funcionalmente:
 - 1 - dos reflexos;
 - 2 - dos instintos ou impulsos e tendências dominantes;
 - 3 - da maturação ou desenvolvimento intrínseco da organização dos neurônios;
- C - é regido por Leis assim enunciadas:

I

Lei da Modificação pelo Exercício (Lei do Exercício ou Lei do Uso - "Sempre que uma conexão modificável entre uma situação e uma reação é exercitada, a força dessa conexão, sob condições, torna-se maior; ou, simplificando, equivale a dizer "aprender fazendo".



II

Lei da Frequência - "Sob idênticas condições, quanto mais frequentemente é exercitada, tanto mais forte se torna uma conexão".

III

Lei do Desuso - "A força de uma conexão modificável entre uma situação e uma reação diminui quando essa conexão não é exercitada durante algum tempo".

IV

Lei da Recentividade - "Sob idênticas condições, quanto mais recente o exercício, mais forte a conexão entre a situação e a reação".

V

Lei do Efeito ou Lei da Satisfação - "Os indivíduos tendem a repetir as reações que em geral são agradáveis, e a evitar e, portanto, a deixar de repetir, as reações que, em geral, são desagradáveis", ou, em outras palavras "em igualdade de circunstâncias, aqueles atos que levam a consequências que satisfazem uma condição motivadora se selecionam e se fixam, enquanto que aqueles que conduzem a consequências que não satisfazem a nenhuma condição motivadora são eliminados ou inibidos".

VI

Lei da Prontidão ou da Predisposição - "Quanto mais plenamente um educando estiver disposto a agir de certa maneira (motivado), mais agradável lhe será agir desse modo e mais desagradável não agir assim".

O Educador que não tenha sempre em mente os ensinamentos preconizados pelos postulados retro-mencionados e que deles não se valha na prática, ficará, inexoravelmente, à margem do movimento educacional da hora presente.

Um programa educacional, que cuida com carinho da formação de bons hábitos, na acepção ampla do termo, não somente contribuirá para a adaptação dos indivíduos ao meio, como para melhorar o futuro da comunidade e da nação. Através dele, poderemos ter a certeza de que estaremos batalhando para formar cidadãos livres, possuidores de hábitos sadios, de caráter firme, conscientes de sua responsabilidade e possuidores de vontade orientada para o bem.

Esta orientação é que tem norteado a organização e funcionamento dos Parques e Recantos Infantis e dos Centros de Moças e de Rapazes, Instituições nas quais os educandos, em ambiente higiênico e feliz, plasam a sua personalidade de homens de bem.

Descobrir e desenvolver harmoniosamente, em todos os educandos, até o maior grau possível, as capacidades físicas, emocionais, morais, estéticas e intelectuais da criança e do adolescente, a fim de aumentar suas possibilidades, de alcançar felicidade e êxito, não só na infância e na juventude, como também na idade adulta, e ajustá-los ao meio através de um processo de cultivo do sentido social, do espírito de cooperação, laboriosidade, lealdade, honestidade, como também das



habilidades e conhecimentos úteis, em uma palavra, de tudo quanto concorra para aumentar os valores da cultura e da civilização, eis o objetivo das Instituições Educativo-Assistenciais que honram a Prefeitura de São Paulo.

São Paulo, maio de 1949

Dr. João de Deus Bueno dos Reis

Médico-Chefe de Ed- 1,
adido à Comissão de Organização e
Planejamento.

- - - -

MÉTODO CIENTIFICO EM PESQUISAS

- Qualidades essenciais de um pesquisador -

Snrs. Educadores,

Tendo-me sido solicitada, pela Conselheira das Visitadoras Social-Psiquiátricas, Educadora-Sanitária Maria Ignez Longhin, a apresentação de seu trabalho, mediante algumas considerações introdutórias, passo, prazerosamente, a desincumbir-me da tarefa, quer para corresponder à amabilidade do convite, quer para satisfazer ao interêsse que sinto pelo assunto, um dos mais empolgantes da Educação Infantil.

De início, é preciso que se faça justiça aos técnicos, tirando-lhes a maior parte da responsabilidade pelo não preenchimento da Ficha nº 7, isto é, de Conduta Individual. Um dos principais motivos da falta de preenchimento foi e tem sido a falta de um questionário ou formulário, nos quais os técnicos pudessem basear-se.

Por ocasião de meu ingresso na Prefeitura, em abril de 1.937, coube-me o Parque Infantil D. Pedro II, para, como uma das três Educadoras Sanitárias nomeadas após concurso, nele iniciar os trabalhos pertinentes a essa técnica. Nessa época, entre 9 fichas que compunham a pasta do Educando, que vinha sendo organizada pelo médico do Parque D. Pedro II, Dr. João de Deus Bueno dos Reis, encontrei já a referida ficha de Conduta Individual. Por falta de orientação sôbre seu preenchimento, mantinha-se e se manteve, por muito tempo, quase sem uso.

Durante a organização dos Parques Infantis Vila Romana, Barra Funda e Catumbí, logrei interessar alguns novos funcionários que se achavam sob minha orientação, no preenchimento de tôdas as 9 fichas da pasta, a de Conduta inclusive, e, meses após, de mais uma décima, a utilizada pelo serviço de Profilaxia da Tuberculose.

Senquerer diminuir qualquer dos dedicados técnicos, com os quais tive o prazer de trabalhar, mas tão somente, visando apresentar aqui uma análise desapaixorada e objetiva



dos fatos, após uns cinco anos de observação no local, pude concluir que, em geral, os funcionários não compreendiam bem o valor das observações a serem colhidas na Ficha de Conduta. Alguns limitavam-se a anotações de frases ou palavras soltas, ditas por determinadas crianças, sem que completassem tais observações com informes sôbre a conduta no ambiente familiar, sôbre situações especiais no momento da observação ou em épocas mais distantes que remontassem até o início da vida da criança. Outra tendência, evidenciada em muitos técnicos, é a de querer diagnosticar, de pronto; para isso se valem de conhecimentos de terminologia e conceitos psicanalíticos, sobretudo de Freud. A conduta em questão é frequente em nossas conversações diárias; qualquer de nós, sendo sincero, confessará, ao menos a si próprio, que assim tem agido.

Com relação ao preenchimento das fichas dos educandos, o encarregado deve dar informes objetivos e quando preciso, detalhados. Um exemplo fácil, se tem à simples anotação do tipo de residência: individual ou coletiva. Necessário se torna completar a anotação "coletiva" com o número de casais e se da mesma família: a reunião de três famílias para cima, diferentes, numa habitação do tipo comum, caracteriza um "cor-tiço", tipo especial de habitação coletiva. Há técnicos, que julgam as minúcias, excesso desnecessário. É importante, todavia, que os que anotem dados, façam observações ou preencham fichas, sejam portadores de uma atitude científica. Assim, em lugar de anotar o que depreendem ou interpretam do que ouvem, devem limitar-se a anotar somente o que lhes foi dito e como lhes foi dito.

Quando quizerem anotar alguma impressão pessoal, devem deixar claro tratar-se tão somente de impressão, acompanhando a anotação dos elementos objetivos que causaram tal impressão.

O técnico deve ter em mente que quando está preenchendo uma ficha é, antes de mais nada, um pesquisador.

Duas condições são fundamentais a um bom pesquisador: inclinação e soma de conhecimentos. A primeira é importantíssima, pois, leva o pesquisador a trabalhar com prazer, o que como nos mostra Biervliet, em sua "Pedagogie Experimentale", leva a um maior interêsse com diminuição do esforço. A segunda condição é fácil de provar-se: cada um dos técnicos especializados, médico, dentista, educadora sanitária, professora de educação física, recreacionista, educadora musical e outros, já teve, por certo, ocasião de notar, como lhe é mais fácil fazer observações que se prendam ao campo de sua especialidade; suas observações são, neste particular, mais variadas e mais profundas. Ora, sendo como é de esperar-se, o melhor observador aquele que, sôbre um mesmo fenômeno ou indivíduo, colha maior número de observações variadas e profundas, conclui-se que o melhor observador é o que possui maior soma de conhecimentos sôbre várias disciplinas ou assuntos.

Não sendo fácil encontrarem-se indivíduos portadores de conhecimentos sólidos sôbre muitas disciplinas, nem por isso devemos desanimar: cada técnico procurará anotar as observações colhidas durante as atividades que lhe estão afetadas, apresentando, porém, somente dados objetivos. Algumas pes



soas treinadas em estudos do comportamento, irão completar as observações, em exames repetidos que se estenderão ao ambiente familiar e somente após discussões em seminários com a participação de vários especialistas, se fará um diagnóstico.

Far-se-á uma Psicanálise em sua mais ampla aceção que levará os estudiosos a não se limitarem a interpretações das reações à luz de conceitos unilaterais, mas a buscar compreender as origens de tais atos na complexidade da cultura e das relações sociais que emaranham a criança, desde seus primeiros contactos com o ambiente que a cerca a partir dos seus primeiros dias da vida. Assim, uma atitude, ou uma conduta infantil podem encontrar suas origens na desorganização de um lar; muitas vezes, o furto está condicionado a tais situações: pais separados, discórdias do casal; frequentes disputas diante do filho; muitas vezes é este a vítima de paixões, o móvel de ciúmes; o objeto de vinganças. Em um grupo de irmãos, o mais velho sente que o menor lhe rouba o afeto da mãe, maximé quando a diferença na idade não é muito sensível. Outras vezes, o menor se sente excessivamente controlado por mais velhos, levando-o a manifesta desobediência.

Mães sem orientação, provocam ciúmes, manifestam preferências, castigam denasiado. Mil outras origens se encontram no lar, no grupo de brinquedos, etc.

Estudar-se-ão, após tal trabalho de pesquisa, as normas de ação corretiva, tudo passível de modificações ditadas pela constante observação dos resultados.

Um ponto muito importante no relatar qualquer observação sobre a criança é o fornecimento de tôdas as circunstâncias que acompanhem determinada reação, inda quando tais circunstâncias se prendam a algum ou alguns dos técnicos. Expliquemos: não basta dizer: a criança X, quando advertida reagiu de tal ou tal forma, etc. É preciso anotar também em que condições foi ela advertida. Isto é importante para a orientação da conduta a ser ditada a mães e a educadores. Constitue mau vejo de muitas mães e, infelizmente, de alguns educadores, o evidenciar excessivo de defeitos das crianças em presença de outros, esquecidos de que o aspecto negativo da conduta infantil, em lugar de salientado e não devendo ser sufocado, deve ter seus efeitos ou expressão anudados, mediante oportunidades dadas ao educando para a prática de atos bons, que se reflirão ao aspecto positivo de determinada conduta. Não podemos como educadores, ignorar que ambos os atos, que vistos sob um prisma ético, reputamos de bons ou maus, nada mais são que o resultado de uma mesma energia da criança, canalizada neste ou naquele sentido, em reação às solicitações e agressões do ambiente. Aos Educadores cabe, a ingente mas nobilíssima tarefa de moldar caracteres íntegros em personalidades sadias. Mãos à obra, pois, visto o preenchimento da ficha 7, de Conduta Individual, constituir a parte mais difícil, delicada e subtil da tarefa, exigindo o concurso de todos que, à boa vontade de acertar e agir, aliam a vontade de aprender mais e mais, para um aperfeiçoamento crescente de seus trabalhos.

São Paulo, maio de 1949.

Noêmia Ippolito

Chefe da Secção Técnico Educacional e
Conselheira de Educação Geral.-

FICHA DE CONDOTA INDIVIDUAL

- Alguns itens a serem anotados no ato da matrícula -

O preenchimento da ficha de comportamento individual, ficha nº 7, tem sido, até certo ponto, negligenciado pelos técnicos de nossas Unidades Educativo-Assistenciais. Atribuir como causa o desconhecimento do valor da referida ficha seria desvalorizar os nossos educadores, pois, a compreensão do comportamento das crianças, sob sua direção, é condição essencial para a educação. Nenhum educador (Sanitário, Recreacionista, Musical, Professor de Educação Física, etc.) desconhece as particularidades do comportamento das crianças que integram a sua turma: fácil lhes é apontar o mais esperto, o tímido, o turbulento, aquele que chupa dedos, o outro com tics, a criança com especial aptidão para construções ou para desenho e pintura, aquela que tem emlhor vóz ou a desafinada, a criança anti-social, excepcional ou super-dotada, etc.

A ficha de comportamento individual foi instituída para que os educadores pudessem anotar as particularidades do comportamento da criança, afin de favorecer o conhecimento do educando em tôdas as suas atividades e assim possibilitar um estudo especial quando essas particularidades acentuarem um caráter mórbido, um desajustamento, um gênio, todos necessitando de uma orientação especial, diferente da que se aplica à normalidade. Mister se faz salientar que as anotações não devem ser adstritas apenas a manifestações psico-patológicas do comportamento infantil, mas também a tôdas aquelas que denotem originalidade, inteligência, aptidões especiais, vocações, etc. Para tanto, os educadores de nossas Unidades acurarão a observação dos educandos em tôdas as atividades livres, atividades tranquilas e recreativas, jogos de campo, dramatizações, etc. Por essa razão é que as anotações da referida ficha não são privativas dêste ou daquele técnico, mas será feita de próprio punho pelo educador que fez a observação, com data e rubrica. Há na Biblioteca Especializada de Ed-1 o livro "Para observar crianças" de Faria de Vasconcelos, que auxiliará o educador a fazer observações, além de muitos outros livros sôbre o assunto que poderão ser procurados na mesma biblioteca.

Antes dessas anotações esparsas que cada educador fará sôbre a vida da criança na Unidade, de acôrdo com as ocorrências, damos a seguir alguns itens que serão tomados às mães, no ato da matrícula, relacionados com a parte psicológica do comportamento infantil.

1 - Localização da criança na constelação familiar. Anotar a ordem de nascimento e a ordem de sexo, discriminando: 2ª filha, sendo a 1ª do sexo feminino. Especificar o primogênito, o caçula e o filho único.

2 - Recreação no lar:

a) - qual o local mais utilizado e preferido para os brinquedos: o quarto, o quintal (área e tipo, se cimentado, plantado, etc.) ou a rua.



b) - com quem a criança brinca: sexo e idade dos companheiros de brinquedo.

c) - qual o brinquedo preferido.

3 - Relações com os irmãos e companheiros de brinquedo. Se a criança gosta da companhia de outras crianças, como se comporta no brinquedo em relação a elas, ou se é retraída e pouco amiga.

4 - Qual o sistema de punições mais utilizado no lar. Como os componentes da família castigam a criança:

a) o pai

b) a mãe

c) irmãos, tios e avós.

5 - Quais as manifestações de carinho mais evidenciadas no lar em relação à criança e da criança em relação aos adultos. Verificar a quem a criança prefere em suas manifestações afetivas, e quem mais acaricia a criança.

6 - Qual o comportamento da criança no lar. De início deixa-se que a mãe expresse espontaneamente seu juízo sobre a criança; geralmente diz: "ela é boazinha" ou então "um pouco levada, como toda criança", etc. Entretanto, às vezes, a criança apresenta manifestações que a mãe não conta por pressa ou por julgar sem importância, mas as quais a educadora procurará averiguar, tais como: os tics, os furtos, as manifestações da sexualidade, a indolência, desobediência, a teimosia, apatia, convulsões e ataques, crises de choro, enurese noturna, medos exagerados, mentira, agressividade, instabilidade, etc.

7 - Existência de moléstia mental ou desajustamento psíquico, na família. Quanto aos desajustamentos psíquicos ou neuróticos, a mãe só informará adequadamente se se perguntar sobre elementos nervosos ou exquisitos da família.

8 - Qual a atitude da criança durante a matrícula e exame médico. Anotar a atitude normal e natural ou instável, a vivacidade, interesse especial, ansiedade, timidez, indiferença, etc.

O preenchimento desta ficha no ato da matrícula será feito de preferência pela Educadora Sanitária, já pela familiarização da terminologia usada em Higiene Mental, já por ser o técnico que finaliza o registro e acompanha o exame médico. Entretanto, não é privativo de suas atribuições, podendo a ficha ser preenchida por qualquer outro educador que faça o registro, na falta da Educadora Sanitária.

Os dados serão recolhidos em frases sucintas e precisas, anotando-se entre aspas quando a frase escrita for textualmente a do informante. Ao fazer perguntas, tomar-se-á o devido cuidado para não sugerir uma determinada resposta, pois é muito comum ao tentar esclarecer, oferecer-se uma resposta, à qual as mães se apegam, pela dificuldade em responder ou afirmar a realidade, por pressa ou preguiça mental, etc.



Com o exposto acima, julgamos ter esclarecido ligeiramente os técnicos de nossas Unidades, de maneira suficiente para que as fichas de comportamento das crianças não mais permaneçam em branco, oferecendo informações necessárias para o procedimento do estudo de casos problemas, orientações vocacionais, estudos psicológicos especiais, etc.

Maria Ignez Longhin

Conselheira de Visitadoras Social
Psiquiátricas.-

- - - - -



EDUCAÇÃO SANITÁRIA

"SEMANA DOS BONS DENTES"

Foi realizada no mês de fevereiro, com repercussão em toda Paulicéia, a "Semana dos Bons Dentes", patrocinada pela Escola de Odontologia e por diversas indústrias e fabricantes de produtos que se referem à higiene bucal.

Para o êxito dessa campanha foi pedido o apóio de tôdas as instituições educacionais. Assim sendo, nossas Unidades-Educativo-Assistenciais também aderiram ao movimento, tendo realizado interessante trabalho educativo, em torno do assunto.

A Chefia da Divisão, através da Secção Técnico-Assistencial, recebeu das Perfumarias Lever, Squibb, Atkinsons e Gessy, cartazes educativos, pastas para dentes, livros de história e folhas de mata-borrão, que foram distribuídos entre os frequentadores das diversas Unidades, durante a "Semana dos Bons Dentes".

A seguir, noticiamos como se desenvolveu a Campanha dos Bons Dentes no Parque Infantil Lins de Vasconcelos:

- I - Palestras educativas realizadas pela Educadora Sanitária. Ilustrações por meio de albuns e cartazes, executados pelas próprias crianças.
- II - Narração, pelas Recreacionistas e Jardineiras, de pequenos contos e histórias de fundo educativo, de acôrdo com o interêsse do momento, ou seja: a conservação dos dentes.
- III - Distribuição de tubos de dentifrício a tôdas as crianças.
- IV - Abertura de um concurso, entre as crianças, para selecionamento da melhor frase alusiva à campanha.
- V - Transcrição diária, no quadro negro, das melhores frases do dia, apresentadas pelos concorrentes inscritos no concurso.
- VI - Ensino às crianças, pela Educadora Musical, da música: "A Escovinha".
- VII - Resultado final do concurso.

Foi vencedor do concurso o menino João Escudero Benites, autor da seguinte quadrinha:

"Vanos todos para o Parque
Alegres contentes a brincar
Mas sem escovar os dentes
O porteiro não deixa entrar".

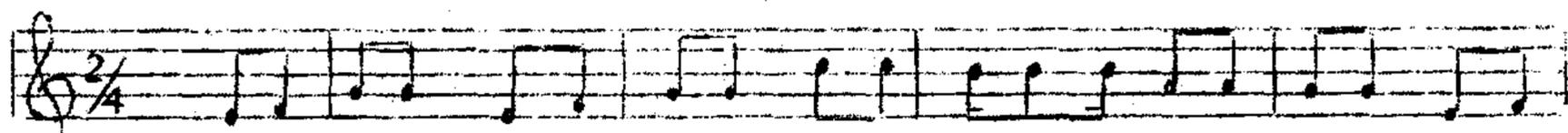


Para conhecimento das outras Unidades, transcrevemos, a seguir, a música, "A Escovinha", que muito contribuiu para o êxito da Campanha dos Bons Dentes no Parque Infantil Lins de Vasconcelos.

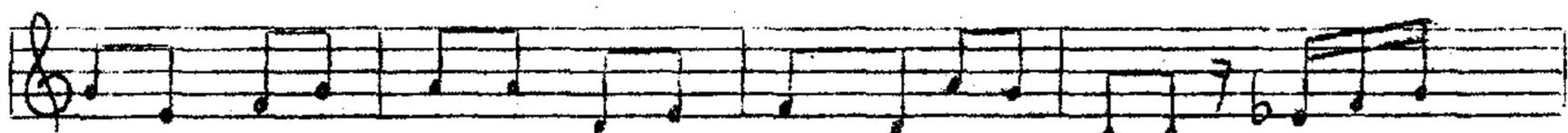
A Escovinha

Autor ignorado

Allegretto



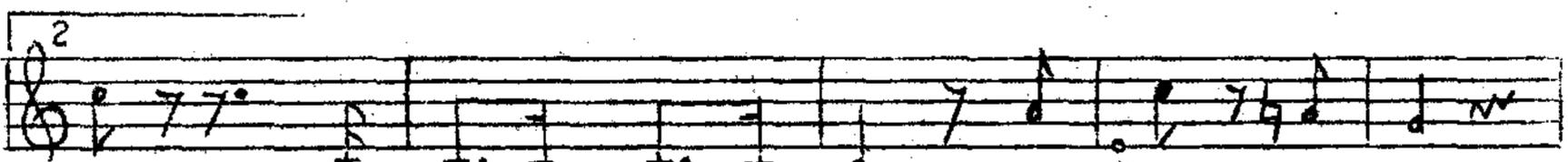
Quatro vezes todo o dia nós u-samos a esco-vinha; que pra-



zer, que a-le-gria dá nos sempre a queri-dinha. A esco-



vinha vai e vem tão ligei-rinha escova bem; a esco-



bem; xu-aes, xuaes, xuaes; de lá pra cá.



Não para mais. Tralá, lá, lá, lá.



R E C R E A Ç Ã O

O TRABALHO MANUAL NOS PARQUES INFANTIS

O trabalho manual nos Parques Infantis não visa preparar profissionais de qualquer ofício. Tem finalidade educativa: despertar o interêsse da criança pelo trabalho, desenvolver as faculdades mentais, morais e manuais, obrigando-a a pensar, pesquisar, comparar, inventar, classificar e realizar, além de incentivar em seu espírito a atração pela arte, em suas múltiplas manifestações.

Portanto, desenvolve os órgãos dos sentidos e a imaginação.

Considerando que a grande maioria dos homens faz, do trabalho das mãos o seu único meio de vida, cabe às Educadoras Recreacionistas o dever de educar as mãos dos Parqueanos, desde os primeiros anos, pela execução de pequenos trabalhos que não exijam técnica complicada.

Na prática, para fazer a criança inclinar-se para essa atividade, não há um programa específico; tanto pode a Educadora Recreacionista socorrer-se do material adequado fornecido pela Divisão, como fazer chegar às mãos dos educandos, objetos diversos que, uma vez trabalhados poderão apresentar aspectos deveras interessantes e práticos, capazes de atingir os fins desejados pela suprema orientação de nossa organização.

A par disso, a observação mostra que a criança recebe com especial agrado e mesmo com entusiasmo, essa orientação, o que, sem dúvida, facilita a tarefa tanto da Educadora como daquele que está sob suas vistas e orientação.

Exemplificando: Uma simples lata de cêra depois de trabalhada, pode apresentar o aspecto real de uma biscoiteira; esse exemplo dado assim de relance, é apenas um índice em abono do que afirmo.

Enfim, o trabalho manual é um grande fator da educação infantil, tanto moral como social, iniciando a criança no verdadeiro caminho, onde mais tarde se achará, inspirando o gosto e o amor ao trabalho ao mesmo tempo que o respeito às ocupações mais humildes, que não serão assim, olhadas com desprezo ou menor apreço.

Sob o ponto de vista que acabo de expôr, o trabalho manual nos Parques Infantis tem mais um carater educativo do que utilitário.

Edith Alves Motta

Educadora Recreacionista do Parque Infantil da Barra Funda.

.



H I G I E N E

- TRATAMENTO DE AGUA DAS PISCINAS -

É muito conhecida a ação da água como disseminadora de moléstias transmissíveis. Foi até criada a denominação "moléstias hidrógenas" para designar aquelas enfermidades que se transmitem de indivíduo para indivíduo ou de animais para indivíduos, por intermédio da água.

Constitue importante parte da Engenharia Sanitária essa que cuida do seu tratamento, desde a sua captação até sua distribuição às populações. Em particular, a água das piscinas, deve merecer do Engenheiro Sanitário ou Sanitarista, um cuidado especial, por serem essas dependências susceptíveis de originar desde o mais simples "pé de atleta" até as mais complicadas doenças intestinais, sinusites, etc.

Uma vez que suas águas sejam porém, submetidas a um eficiente e adequado tratamento podem ser frequentadas sem perigo, aproveitando-se então ao máximo, os benefícios que o salutar esporte da natação pode oferecer.

Agora que a Divisão de Educação, Assistência e Recreio, tendo em vista o aumento sempre crescente do número de frequentadores de suas piscinas e tanques, resolveu cuidar dêsse problema, julgamos oportuno escrever êste desprezencioso comentário, cuja finalidade é a de divulgar alguns conhecimentos elementares sôbre a importância e a finalidade do tratamento da água das piscinas.

Sob o ponto de vista do seu abastecimento, as piscinas podem ser agrupadas em duas categorias:

As de renovação periódica e as de circulação contínua. As primeiras são aquelas cujo volume total de água é renovado periodicamente; depois de cheias são postas em funcionamento durante um certo período, sendo então esvasiadas para limpeza e troca de água. As de corrente contínua, conforme sugere a própria denominação, são aquelas cujas águas se renovam continuamente, correspondendo a cada quantidade de água retirada igual quantidade de água adicionada. Sob o ponto de vista sanitário são as mais satisfatórias, apesar de mais onerosas, devido ao consumo elevado de água. Pode-se todavia, aproveitar a água retirada submetendo-a a novo tratamento e fazendo-a circular novamente; forma-se assim um ciclo ao qual se devem adicionar apenas quantidades de água iguais às perdas sofridas por vasamentos, transbordo na piscina, evaporação, etc. Êste é o sistema conhecido como de recirculação.

De um modo geral, as mesmas condições exigidas para a água potável também se exigem para a água de piscinas.

A água natural possui substâncias de origem mineral (argila, terras várias, sais minerais, etc.) e substâncias de origem vegetal (detritos orgânicos, sais, gases, etc.) em suspensão, em estado coloidal e em solução.

Além dêsses elementos sem vida, possui microorganismos animais e vegetais, cujo conjunto denomina-se "plankton". Algumas espécies não são danosas enquanto outras são patogênicas.



A título de informação, transcrevemos a seguir, algumas das normas recomendadas pelo "U.S. Bureau of Public Health", transcritas da obra "Saneamento Urbano e Rural", dos Engenheiros Sanitários Ehlers e Steel, tradução do Eng^o Marcelo Teixeira Brandão:

QUALIDADES QUÍMICAS E FÍSICAS DA ÁGUA DE PISCINA

"A, EXCESSO DE CLORO - Sempre que se empregam cloro, hipoclorito de cálcio ou outros compostos de cloro, sem uso de amônia, para desinfecção de piscinas, a quantidade de cloro residual, ou livre na água, durante todo o tempo em que a piscina estiver sendo usada, não deve ser inferior a 0,4 partes por milhão, nem superior a 0,6 partes por milhão. Quando se empregam cloro ou seus compostos juntamente com amônia, a quantidade de cloramina residual ou livre não deve ser inferior a 0,7 partes por milhão nem superior a uma parte por milhão.

B. ACIDEZ - ALCALINIDADE - Sempre que se empregar alume ou sulfato de alumínio durante a purificação ou repurificação das águas das piscinas, deve a água apresentar uma reação alcalina durante o tempo em que a piscina estiver em uso. Isso quer dizer que a concentração em ions de hidrogênio da água da piscina não deve baixar a menos de 7,0.

C. LIMPIDEZ - Durante todo o tempo em que a piscina estiver em uso, a água deve ser suficientemente clara para permitir que um disco preto de 15 cm. de diâmetro, sobre campo branco, colocado no fundo da piscina, no ponto mais profundo, seja claramente visível das paredes laterais da piscina, a qualquer distância até 9,00 m, medidos por uma linha através da piscina, passando pelo disco.

D. TEMPERATURA - Em qualquer piscina, a água não deve ser artificialmente aquecida a temperatura superior a 25,6 ° C. Não se deve permitir que a temperatura do ar, em qualquer piscina artificialmente aquecida, seja superior em mais de 4,5 °C, nem inferior em mais de 1 °C à temperatura da água, durante todo tempo em que a piscina estiver em uso. Para melhores resultados, é desejável que a temperatura do ar seja cerca de 2,8 °C mais elevada que a temperatura da água."

QUALIDADES BACTERIOLÓGICAS

"CONTAGEM DE BACTERIAS EM GELOSE NUTRITIVA PADRÃO - 24 HORAS - 37°C E TESTE DE CONFIRMAÇÃO - Das amostras colhidas em um período considerável, não mais de 15% devem conter mais de 200 bactérias por centímetro cúbico ou apresentar teste positivo (confirmado) em qualquer de 5 porções de 10 ml de água, enquanto a piscina estiver em uso. Todos os tubos primários de fermentação que apresentem gás devem ser confirmados."

LIMPEZA DA PISCINA

"A. Não se deve permitir que permaneça por mais de 24 horas de pósto visível no fundo da piscina.
B. Qualquer escuma ou matéria flutuante visível na superfície deve ser removida dentro de 24 horas por descarga ou outro meio eficiente."



LIMITES DE CARGA

"A. FREQUENCIA NA MUDANÇA DE ÁGUA - O número total de banhistas em uma piscina do tipo de recirculação, em qualquer período de banho não deve exceder 5 pessoas por metro cúbico de água limpa adicionada à piscina durante aquele período. A expressão "água limpa" aqui empregada, pode ser interpretada como água nova usada para reencher a piscina, água nova para substituir a que se perde por agitação ou na ocasião da limpeza, água retirada da piscina e que a ela volta após uma filtração eficiente, ou qualquer combinação dessas águas. O período de banho deve ser considerado como a média do tempo em que o banhista permanece no banho. Em condições usuais essa média é de 30 minutos".

CONTROLE DE OPERAÇÃO

"A. OPERADORES TREINADOS - Cada piscina deve funcionar sob rigorosa fiscalização de um operador bem treinado, com senso comum e bom discernimento.

B. TESTES DE CLORO RESIDUAL - Em qualquer piscina em que se empregue cloro para desinfecção, o operador deve possuir material apropriado para teste de ortotolidina, de cloro residual, bem como padrões permanentes indicando o máximo e o mínimo de cloro permissível na água. Os testes de cloro residual devem ser feitos tão frequentemente quanto a experiência demonstre necessário para manter resíduos adequados.

C. TESTES DE ACIDEZ - Em qualquer piscina em que se empregue alume, ou em que se proceda à alcalinização artificial da água deve o operador ser equipado com aparelho para a verificação da concentração de ions de hidrogênio, verificação essa a ser feita todos os dias em que a piscina for usada, ou mais vezes, se necessário.

D. REGISTRO DE OPERAÇÃO - Cada operador de piscina deve ser munido de um livro apropriado, ou de modêlos em branco, para o registro diário do número de pessoas que usam a piscina, do volume de água nova adicionada e da temperatura da água e do ar. Sempre que a piscina for usada pelos dois sexos, deve ser registrado também o número de homens e de mulheres, bem como se são crianças ou adultos. Em tôdas as piscinas em que se empregam circulação artificial, filtração ou qualquer tratamento químico, deve ser mantido, ainda, um registro diário completo do tempo de funcionamento das bombas e filtros, do número de vezes que cada filtro é lavado ou limpo, cada produto usado ou adicionado, com as respectivas quantidades, da frequência com que se limpam o fundo e as paredes da piscina, bem como resultados de todos os ensaios de concentração de ions de hidrogênio, cloro residual e outros".

Leopoldo Strongoli

Escriturário - Estudante de
Engenharia - 4º ano.



M A T E R I A L D I D A T I C O

CASAMENTO NA ROÇA

Peça ligeira em um ato, de autoria de Ari Vi-eira Albuquerque. (Para uso dos Centros e, com algumas adap-tações, também para o uso dos Parques)

PERSONAGENS:

Juca Pinduca, noivo
Maruca Melado, noiva
Nho Quim, pai de Maruca
Nha Bé, mãe de Maruca

Nha Chica,)
Nha Benta,) comadres de Nha Bé
Nha Véva,)
Nha Dita,)

Bastião, amigo do noivo
Néco, amigo do noivo
Vigário
Sacristão.

A Cena passa-se em casa dos pais da noiva. A-prontan-se todos enquanto se espera a chegada do noivo.

Mesa ao centro com alguns pratos de doces.
Cadeiras. Flores.

Estão em cena a noiva, seus pais e as comadres.
Maruca está já vestida, mas sem o véu ainda.

Nha Chica e nha Benta arranjam os móveis e os doces.

Nha Dita e nha Véva retocam o vestido da noiva.

Nha Bé anda de lá para cá, nervosamente, obser-vando.

Nho Quim, também nervoso, vai de quando em quando à porta do fundo e espreita. Olha muitas vezes o re-lógio de bolso.

.....

CENA I

(Quando ergue o pano, estão todos se mechendo).

NHA BÉ - Arre também. Tô escangaiada de cansêra...

NHO QUIM - Miór vanceis cabarem de arrumá aqui!

NHA CHICA E NHA BENTA - É sin. Isso mêmo. (arrumam)

MARUCA - (vai mancando para o proscênio, à direita) Ai, ai, neu Deus! Tô tamem que num aguento mais...

NHA BÉ - Oie aqui, nho Quim. Que hora vem o noivo?

NHO QUIM - Tá na hora!

MARUCA - Ih, mãe! Inté parece que a sinhora é que vai casá.. Dêxe que o Juca chega na hora que deve chega!

NHA CHICA - (desconfiada) É...Mas tem noivo que sóme na ho-ra, e não aparece mais...

MARUCA - (despeitada) Mas o Juca vem! Eu sei que êle vem!...

NHA BENTA - Estas horas êle deve tá tremêno de mêdo!

MARUCA - (aborrecida) Ih, gente! Frá mórde quê o Juca há de tá cum mêdo? Será que eu sô argum bicho?

- 
- NHA BENTA - Quár é o hóme que num trême na hora de s'inforcá?
NHO QUIM - Treme, mêmo... É que êle parece que adivinha a desgraça que le vai acuntecê...
NHA BE - As muié é que deviam tremê, intão... (intencionalmente) Os hóme de hoje in dia num vale uma pitada de rapé...
NHO QUIM - Dantes, as muié respeitava os hóme...
NHA BE - Eles merecia...
NHO QUIM - Num viviam trocando os marido por quarqué pitada de rapé...
NHA BE - É que êles valia mais do que isso ...
NHO QUIM - Sabiam dá valô pros marido ...
NHA BE - Num percisava dá... Eles já tinham ...
NHO QUIM - Podia sê! Os home de d'antes era respeitado iguar um pai. As muié sabia les dá corage pra luitá...
NHA BE - (rindo para ferir) É verdade... Bão tempo... Hoje os ho me são iguar fíio marcriado!...
NHA DITA - O meu defunto era iguar criado vagabundo... Só comia. Trabaiá mêmo, que é bão, nada ...
NHA VEVA - (para Nha Dita) Era vancê, cumadre, que se mexia pra ganhá dinhêro?
NHA DITA - Cráro ...
NHA VEVA - Eu nunca ví vancê corrêno de cá pra lá... (maliciosa) Dinhêro num cai do céu ...
NHA DITA - (atrapalhada) ... Bão... Qué dizê... Ele juçava um poquinho, mais percisava mandá premero...
NHO QUIM - (intrometendo-se) Muié quando gárra falá é tár i quár piriquito. Vanceis me dexa inté, meio atordoado...
NHA CHICA - Eu tô quéta...
NHA BENTA - Eu tamem. Essas baitáca é que num para de falá. - Nhá Dita é que quando garra falá, inté seu vigário se benze.
NHA DITA - (desafiando) É? Mais num fui eu que êle chamô de co ruja véia...
NHA BENTA - (desculpando-se) Curpada é a fia do Cipriano que foi inventá coisa lá pra êle... Diz que foi se confessá, mais o que ela feiz foi ponhá os pecado nos ôtro!
MARUCA - Ih, gente! Tô nervosa, inda vanceis gárrum falá, i - guar matraca. (para nha Bé) Tá bão o vistido, mãnhe ?
NHA BE - (olhando) Tá bão, sim. Quando ocê ponhá o veu vai ficá mió.
NHO QUIM - (lembrando-se) Ah, é verdade. Cadê o veu?
NHA DITA - Tá ali, na cadera ...
NHO QUIM - (aproximando-se de Maruca) Bóta o veu.
NHA DITA - Pére aí, nho Quim. Num tá pronto ainda.
NHO QUIM - (exasperado) Juca chêga aí, Maruca ainda tá se vistindo! De repente vem todo o pessoár junto ...
NHA BE - (zangada) Já vai, home! Crédo, tamém! Que traste aze do!
NHO QUIM - (alterado) Aze do é o nariz da vó! (gritando) Ocê num vê que o noivo já chêga e tudo tá cru ainda? (Enérgico, para Maruca) Bota o veu, já!
MARUCA - Ih, Pai! Eu nem pentiêi o cabelo ainda ...
NHO QUIM - Num faiz már. Penteia despois que vortá da igreja! (irredutível) Bota o veu!



- NHA BE - Pra mór de que hóme há de se metê nessas coisas?
- NHO QUIM - (rilando os dentes) Bota o veu, Maruca!
- MARUCA - (agoniada) Arre, Páie!
- NHO QUIM - (decidindo-se) Tá bão! (pega o veu e enfia na cabeça de Maruca, de qualquer jeito, com a cauda para frente, cobrindo-lhe o rosto e a frente do corpo).
- TODAS AO MESMO TEMPO - Pére aí! Que coisa! Credo! Trapáia tudo!
- MARUCA - (tirando o veu) Ih, tamem, Páie! Só trapáia!...
- NHO QUIM - (afasta-se batendo os pés) Hoje num sái casamento!
- NHA BENTA - (a meia voz) Parece que tá ruim da bola!
- NHO QUIM - (que foi espiar da porta e volta a sentar-se) Ocêis, muié.
- NHA DITA - Dêxe essas coisa cum nós, cumpadre. Nois arruma tudo. Póde ficá socegado.
- NHO QUIM - De que jeito? Já passô da hora dele chegá! Qué dizê que de repente êle chega.
- NHA BE - (grave) Quem sabe se êle disistiu?
- MARUCA - (numa explosão) Ih, mánhe! Largue mão de arreliá a gente! Eu já tô tão nervosa...
(Alguma pausa. Todos continuam trabalhando quietos. Nha Bé vai olhar a porta. Nho Quim olha o relógio).
- NHA BE - (repentinamente) E... Ele não vem mêmo...
- MARUCA - (mais zangada) Crédo, mánhe! Daqui a pôco eu não caso mais!...
- NHO QUIM - (acudindo) Epa! Isso é que não! Agora tem que ir!
- NHA VÉVA - Pra mór de que êle não há de vim?
- NHA CHICA - (para Maruca) Não fique brába anssim no dia do casório, minina. O Juca não fôge! (consolando) O Virgulino fugiu de ocê, mas o Juca num fôge!
- MARUCA - (desapontada) O Virgulino não fugiu de mim! Eu que dei o fóra nêle! Eu não quiria casá c'o Virgulino...
- NHO QUIM - Fêis muito bem! Não perdeu nada!
- MARUCA - O Virgulino foi s'imbora. Eu mandei êle largá de me aborrecê. Nunca pensei casá c'o Virgulino!
- NHO QUIM - Foi bão. Agora porveita o inxovár pra casá c'o Juca.
- NHA BE - Aquele pilintra é capáis de fugí. É um trastinho...
- MARUCA - (noutro tom) Se êle num vié eu me apincho no rio!
- NHO QUIM - (meio zangado) Se apincha nada! Largue de bobage! Juca é um bão rapaiz, eu já disse! Mór de que num há de vim agora? Juca é fíio do cumpadre Crispin. São tudo gente boa, trabaiadêra, gente direita!
- NHA VEVA - (maliciosa) Tuda árvre tem gáio pôdre...
- NHA DITA - (idem) As vêis os fíio sai diferente do pai...
- NHO QUIM - (Já pensativo) E... Mas o Juca...
- NHA BENTA - (intencional) As vêis boi manso é que pula a cêrca...
- NHA CHICA - Eu acho miór discunfiá sempre. (contando) Vanceis se alembra do fíio do coroné Barbino? Logrô a póvre da Rosinha da comadre Maria... Mintiu pr'êla, disse que gostava, garrô fingí que ia casá... Quando fartava uma somana, mêno inté... Vanceis se alembra bem...
- NHO QUIM - (cada vez mais preocupado) E... Mas o Juca...
- NHA CHICA - O Coroné Barbino era tão bão...
- MARUCA - (agoniada) Vanceis me dexa maluca...
- NHO QUIM - (de repente, numa explosão) Ói aqui. Se Juca num vié, eu vô percurá êle i distripo o társinho co'a faca!



- MARUCA - (meio assustada) Arre, Fáie! Eu nem se casei ainda, e o sinhô já qué me dexá órfa de marido...
- NHA BE - (para Nho Quim) Dêxe, hóme! Ela sabe se defendê! Se o Juca não andá direito, eu já falei pr'ela o que é que ela deve fazê!
- NHO QUIM - (desconfiado) O que que é?
- NHA BE - (misteriosa) Ela sabe, home! É um geitinho de lidá cos home...
- NHO QUIM - (mais desconfiado) Eu acho que ocê tá insinuando bobage pra minina!
- NHA BE - Ela sabe, ela sabe! Eu já dei aquela garrucha de presente pr'ela...
- NHO QUIM - (afasta-se resmungando) Eta cascavé! (vai sentar-se) (OUVE-SE RUIDO FORA) (Vozes de gente que se aproxima)
- TODOS - (Ao mesmo tempo) Tá aí o noivo! Tá aí o noivo! (Cada um trabalha mais precipitadamente, de modo desordenado.

Maruca alisa os cabelos com as unhas.

Nha Dita e Nha Véva colocam o veu da noiva.

Nha Chica e Nha Benta acertam as cadeiras e a mesa.

Nha Bé e Nho Quim correm de um lado para outro, aumentando a confusão)

CENA II

(Surge no fundo o noivo que vem empurrado por Bastião e Neco. Está já vestido "a carater", com uma flôr no peito. Calças justas, gravata de côr berrante). (Está muito envergonhado).

- NECO - (segurando o noivo pelo braço e empurrando-o) Vâmo, rapaiz!
- BASTIÃO - (idem) Vâmo, hóme. Corage !
- JUCA - (firmando os pés no chão) Pére aí, rapaiz! Largue que eu vô sòsinho!
- NECO E BASTIÃO - (Largando-o) Intão vá.
- JUCA - (recompondo o cabelo e a gravata) Eu vô sim! (Continua parado) Então não havéra de ir?
- NECO E BASTIÃO - (Seguram-no de novo) Vâmo de uma vêis! Entre!
- JUCA - (saracoteando nas mãos deles) Largue que eu vô!
- NECO E BASTIÃO - empurram-no para dentro da cena) Entre já!
- JUCA - (escapando-se deles aproxima-se um pouco. Encabulado, de cabeça baixa)...Cheguei...
- NHO QUIM - Já chegô tarde! Apêie!
- NHA BE - ("sogristicamente") A noiva faiz deis ano que tá pronta!
- JUCA - (dá mais um passo rodando o chapéu entre os dedos, de cabeça baixa)... Ué... Tô aqui...
- NHO QUIM - Chegue mais perto da noiva... Anda, rapaiz!
- MARUCA - (depois de dar um passo) Ai, ai... (chamando chorosa) Venha aqui um poco, mânhe!
- NHA BE - (presurosa) Que é Maruca?
- MARUCA - Escuite! (implorando) Venha aqui, mais perto. (Cochicha no ouvido de Nha Bé enquanto todos, parados, observam).



NHA BE - (fazendo muchocho) Ih...Como é que há de sê agora...
MARUCA - ...Tá que é vê fogo!
NHO QUIM - (intrometendo-se indiscretamente na conversa baixa das duas) O que é, hem?
NHA BE - (disfarçando) Não é nada, Nho Quim...Dêxa...
MARUCA - (idem) Não tem importância, Páie...
NHA BE - (para Maruca) Aguenta firme que é só hoje... (Cochicha no ouvido dela)
NHO QUIM - (que correu furtivamente para ouvi-las, fala alto) Ah...É o sapato? Tá apertado, é?
MARUCA - (desapontada) Ih, Páie! Credo!
NHO QUIM - (para os outros) Não é nada, minha gente. É o pé de lá que virô um pão drento do sapato novo!

(ruído de gente que se aproxima)

BASTIÃO - A macacada tá chegando!

(A cena se movimenta novamente).

CENA III

(Entram diversos convidados, ruidosamente. Depois o padre e o sacristão).
NECO - (Vendo a casa encher-se) Viva a noiva!
CONVIDADOS - Vivaaaaaa!
NECO - (antes de acabada a gritaria) Viva o noivo!
CONVIDADOS - Vivaaaaaa!
NECO - Viva Nho Quim!
CONVIDADOS - Vivaaaaaa!
NECO - Viva Nha Bé!
CONVIDADOS - Vivaaaaaa!
VIGARIO - (entrando no meio da algazarra. Vem aos trambolhões, acompanhado do sacristão) Silêncio! Silêncio!
NECO - (Vendo o Vigário passar) Viva seu Vigário!
CONVIDADOS - Vivaaaaaaaaaaa!
VIGARIO - (mais enérgico) Silêncio! (Vai para perto de Nho Quim) (aproveitando o silêncio) Que história é essa? Faz uma hora que estou esperando na igreja! Sáí ou não sai êsse casamento?
NHO QUIM - Vai, sim. Já vai!
NHA BE - (justificando-se) Ih, seu Vigário. Tá uma embruiada! Mas nós já vamo!
NHO QUIM - (comandando) Tôca pra Igreja!
TODOS - Vamos sim! Vamo s'imhora!
MARUCA - (vai andar mas pára depois de dar um passo) Mãnhe!
NHA BE - (atendendo) Que é, Maruca?
(Param todos)
MARUCA - Não posso andá!
(Silêncio profundo)
NHA BE - (angustiada) Será possive!...
MARUCA - Num aguento mais de dô nos pé!
BASTIÃO - Como é que há de sê, agora?
NHO QUIM - (elevando a voz) É fácir!
(Olham-se em silêncio)
NHA BE - Como é?
NHO QUIM - Rânca o sapatão! Vai de chinéla!
MARUCA - (zangada) Credo, Páie!
VIGARIO - (rompendo a própria expectativa, inopinadamente) Como é, então? Vai ou não vai?

- 
- NHA BE - Já se dá um geito, seu Vigário!
- NHO QUIM - (entre irônico e aborrecido) Inté faiz lembrá a mu-
la manca!
- NHA BE - (Irritada) Cala a boca, hóme!
- MARUCA - (indignada) Imagine! Casá de chinéla!
- NHO QUIM - Ué! Intão que vá co'as minha butina!
- NHA BE - (Mais irritada) Nho Quim! Oie aqui, nho Quim!
- NHO QUIM - (meio humilde)... Qui é?
- NHA BE - Fique quieto, viu? Eu tô le mandando. Fique quieto!
- NHO QUIM - (como que cisma) Muié, a ben dizê, só farta metê as
espóra nos hóme!
- NHA BÉ - Hóme sem freio vira animar veiáco!
- VIGARIO - (desesperando-se) Não espero mais! Vou embora (sai)
- SACRISTÃO - (que ia sair, volta-se) Se a noiva num pudé andá,
eu sei dá um geito...
- NHA BE - (Curiosa) Qual é?
- SACRISTÃO - (Cinicamente) Eu tenho um carrinho de mão pra car-
regá saco de farinha...
- TODOS - (murmurando indignados) Oh!...
- NHO QUIM - (avançando para o sacristão) Pére ai, marvado! Eu
já insino ocê respeitá os ôtro!
- SACRISTÃO - (Sai correndo a caçoar) Quiá, quiá, quiá, quiá...
- NHO QUIM - (voltando) Que fáta de pôco respeito!
- MARUCA - (zangada) Esse sacristão anda confiado...
- NHA VEVA - (maliciosa) (Para Maruca) Ocê mêmo que é curpada!
Quem manda dá cunfiança pr'ê!e!
- MARUCA - (desculpando-se) Eu, não...
- NHA VEVA - E... eu ben que vi ôtro dia...
- JUCA - (desconfiado, mas timidamente) ...O que que foi, hem?
- NHA BE - (indignada) Cale a boca, comadre!
- NHO QUIM - (interrompendo) Vâmo ou não vâmo?
- MARUCA - Ché, Páie. Eu não aguento andá.
- NHO QUIM - (irritado, para Juca, pondo-lhe a mão no ombro) Oie
aqui rapaiz, Muié é assim mêmo. Quem cása tem que
carregá um peso pro resto da vida...
- NHA BE - Carregá peso, virgula, viu?
- BASTIÃO - (aproveitando a idéia) É verdade! Se êle tem de car-
regá um peso pro resto da vida que comece já. Que le
ve a noiva carregada pra igreja...
- NECO - (antes que êle termine) Isso mêmo! Carrega a noiva...
- CONVIDADOS - (em coro) Carrega a noiva! Carrega a noivaaaa!
- NHO QUIM - Que fáta de respeito!
- NHA BE - Ocê mêmo é o curpado!
- NECO - (empurrando Juca) Vá carregá a noiva!
- JUCA - (desenxabido) Cródo! (Faz menção de carregar Maruca)
- MARUCA - (afastando-o) Páre! Eu vô anssim mêmo! (Começa andar)
- TODOS - (vendo-a caminhar) Vivaaaaa! Vivaaaaa! (abrem alas)
- MARUCA - (segura o braço do noivo e ambos atravessam as alas)
Ai, que dô...
- BASTIÃO - Viva o sapato da noiva!
- CONVIDADOS - Vivaaaaa!
- (Juca, sem querer pisa o pé da noiva, de modo visí-
vel para a platéia)
- MARUCA - (dando pulos de dôr) Ai, ai, ai, ai! (senta-se)
- NECO - Viva o sapatão do noivo!
- CONVIDADOS - Vivaaaaa!



- MARUCA - (com o pé entre as mãos) Agora sim! Não aguento mêmo!
NHA BÊ - O-la-te calamidade!
(Silêncio geral)
- NHO QUIM - Não tem remédio. É mior seu Vigário fazê o casamento aqui mêmo!
- NECO - Isso mêmo. Faiz o casamento aqui!
- BASTIÃO - Chama o seu Vigário!
- NECO - Eu vô chamá! (Sai correndo pelo fundo) (Chama) Seu Vigário! Seu Vigário!
- NHA VEVA - Inté parece arte do diácho, pra não sair casamento!
- NHA DITA - (chamando) Nha Bé...
- NHA BÊ - Qui é?
- NHA DITA - (pausadamente, para dar realce) Eu já ouvi dizê que casamento que não sai da igreja, dá azar...
- MARUCA - (entre dois fogos, agoniada) Ah, meu Deus!...
- JUCA - (ingenuamente) Se quizé, eu carrego a noiva!...
- NHO QUIM - (interferindo zangado) Isso é desaforo! (para os outros) Quem tem uma garrucha aí, que eu dô um geito nesse pilintra!
- JUCA - (assustado esconde-se atraz de Neco e Bastião) Não, não, nho Quim! Eu disse que vô carregá seu Vigário pra trazê êle aqui!
- NHO QUIM - (ainda zangado) Genro do diabo!
- NECO - (entra puxando o Vigário pela mão) Tá aqui o seu Vigário!
- VIGARIO - (muito zangado) Isto é brincadeira ou é casamento sério?!
- NHO QUIM - (mais confortado) É sério, seu Vigário! Faça o casamento aqui mêmo. A noiva num pôde andá...
- VIGARIO - (resolvendo-se) Então arrume tudo que eu faço a cerimônia num zaz-traz...
- (Todos trabalham arrastando mesa e cadeiras. O Vigário coloca-se à direita, próximo do proscênio. Sacristão ao lado do Vigário. Noivos na frente dêste. Por traz dos noivos, os demais).
- NHO QUIM - Tá pronto. Táca fogo na cangica!
- VIGARIO - (aos noivos) Ajoelhem-se!
(Maruca ajoelha-se gemendo. Juca fica de cócoras, de modo que a platéia o veja nessa posição).
- NHO QUIM - (ao Vigário) Nós tamêm percisa ajoelhá?
- VIGARIO - Não precisa! (Abre o livro que tem nas mãos)
(pequena pausa enquanto o Vigário folheia o livro)
- NHA VEVA - (súbitamente) Oia o noivo de cócre!
(Todos arcam-se para ver)
- JUCA - (ficando de pé, nervoso) É que eu...
- VIGARIO - (Interrompendo-o) Não aborreça! Ajoelhe direito!
- JUCA - (num salto) Sim, Sinhô! (Ajoelha-se lerdamente, arrumando as calças para não amassá-las).
- VIGARIO - (depois de pigarrear, de sobrancelhas descidas) Onde já se viu coisas dessa natureza!... (para os demais em voz alta). Quem souber de algum impedimento, que fale agora. (Pausa. Percorre os presentes com os olhos).
- NHA BENTA - (rompendo o silêncio, timidamente)... Seu Vigário...
- NHA BÊ - (zangada, para nha Benta) Cale a boca, comadre!



- MARUCA - (com o pé entre as mãos) Agora sim! Não aguento mêmo!
NHA BE - O-la-te calamidade!
(Silêncio geral)
- NHO QUIM - Não tem remédio. E mior seu Vigário fazê o casamento aqui mêmo!
- NECO - Isso mêmo. Faiz o casamento aqui!
BASTIÃO - Chama o seu Vigário!
NECO - Eu vô chamá! (Sai correndo pelo fundo) (Chama) Seu Vigário! Seu Vigário!
- NHA VEVA - Inté parece arte do diácho, pra não sair casamento!
NHA DITA - (chamando) Nha Bé...
NHA BE - Qui é?
NHA DITA - (pausadamente, para dar realce) Eu já ouví dizê que casamento que não sai da igreja, dá azar...
- MARUCA - (entre dois fogos, agoniada) Ah, meu Deus!...
JUCA - (ingenuamente) Se quizé, eu carrego a noiva!...
NHO QUIM - (interferindo zangado) Isso é desaforo! (para os outros) Quem tem uma garrucha aí, que eu dô um geito nesse pilintra!
- JUCA - (assustado esconde-se atrás de Neco e Bastião) Não, não, nho Quim! Eu disse que vô carregá seu Vigário pra trazê êle aqui!
- NHO QUIM - (ainda zangado) Genro do diabo!
NECO - (entra puxando o Vigário pela mão) Tá aqui o seu Vigário!
- VIGARIO - (muito zangado) Isto é brincadeira ou é casamento sério?!
- NHO QUIM - (mais confortado) É sério, seu Vigário! Faça o casamento aqui mêmo. A noiva num póde andá...
VIGARIO - (resolvendo-se) Então arrume tudo que eu faço a cerimônia num zaz-traz...
- (Todos trabalham arrastando mesa e cadeiras. O Vigário coloca-se à direita, próximo do proscênio. Sacristão ao lado do Vigário. Noivos na frente dêste. Por traz dos noivos, os demais).
- NHO QUIM - Tá pronto. Táca fogo na cangica!
VIGARIO - (aos noivos) Ajoelhem-se!
(Maruca ajoelha-se gemendo. Juca fica de cócoras, de modo que a platéia o veja nessa posição).
- NHO QUIM - (ao Vigário) Nós tamêm percisa ajoelhá?
VIGARIO - Não precisa! (Abre o livro que tem nas mãos)
(pequena pausa enquanto o Vigário folheia o livro)
- NHA VEVA - (súbitamente) Óia o noivo de cócre!
(Todos arcam-se para ver)
- JUCA - (ficando de pé, nervoso) É que eu...
VIGARIO - (Interrompendo-o) Não aborreça! Ajoelhe direito!
JUCA - (num salto) Sim, Sinhô! (Ajoelha-se lerdamente, arrumando as calças para não anassá-las).
- VIGARIO - (depois de pigarrear, de sobrelhas descidas) Onde já se viu coisas dessa natureza!... (para os demais em voz alta). Quem souber de algum impedimento, que fale agora. (Pausa. Percorre os presentes com os olhos).
- NHA BENTA - (rompendo o silêncio, timidamente)... Seu Vigário...
NHA BE - (zangada, para nha Benta) Cale a boca, comadre!



- VIGÁRIO - Póde falar nha Benta!
- NHA BENTA - (muda, olhando ora para o Vigário, ora para nha Bé que lhe faz carranca) E...que...
- VIGÁRIO - (Insistindo) Vamos, fale o que é...
- NHA BENTA - (Disfarçando) Não é nada...
- VIGÁRIO - (zangado) A Senhora tem o que falar! Fale agora ou não perdoarei jamais o seu pecado!
- NHA BENTA - (avançando um pouco, resolutamente) O noivo num lava o pé pra durmí!
- VIGÁRIO - Isso não é impedimento! (aborrecido) Ora, bolas... (depois de uma pausa, desconfiado, olhando de frente para Nha Benta)...E...Como é que a Senhora sabe disso?
- NHA BENTA - (desculpando-se) Eu não sei, não. Nha Dita é que me disse...
- NHA DITA - (acudindo) Eu tamem não sei...Nha Véva foi que falô...
- NHA VEVA - (mais rapidamente ainda) Eu não sei de nada! Nha Chica foi que falô.
- NHA CHICA - (indignada) Eu? Eu não sei de nada. Quem me contô foi a Zurmíria da comadre Fróra...
- VIGÁRIO - (zangado) Eu sei...Diz-que-diz-que de comadres que não têm o que fazer!
- JUCA - (gemendo fica em pé) Ai, ai meu juêio!
- VIGÁRIO - (furioso) AJOELHE-SE ! ! ! ! ! ! ! !
- JUCA - (que não esperava, dá um salto e cai sentado para traz) UI!
- VIGÁRIO - (indicando o lugar) Ajoelhe-se aqui !!!
- JUCA - (sem levantar-se caminha de gatinhas até o lugar indicado e põe-se de joelhos novamente).
- VIGÁRIO - (bufando) O senhor Juca Pinduca quer receber em matrimônio a senhora Maruca Melado?
- JUCA - (explicando-se) Sabe, seu Vigário. Prá falá bem a verdade, eu a móda que quero, Agora eu não sei se ela...
- VIGÁRIO - (interrompendo) Cale a boca! Responda somente isto: Se quizer, diga sim; se não quizer, diga não.
- JUCA - (repetindo) Se quizé diga sim, se não quizé diga não...
- VIGÁRIO - (indignado) Não é isso! Responda sim ou não !
- JUCA - (perplexo) ...O que?
- VIGÁRIO - (rangendo os dentes) Santo Deus! (A meia voz, bem declarado, arcando-se para que Juca ouça ben) Q u e r c a s a r - s e ou não...
- JUCA - (sorrindo satisfeito) ...Quero sim...
- VIGÁRIO - (de novo cheio de ira) Então diga sim !!!
- JUCA - (Sentando-se sobre os calcanhares, assustado) Sim...
- VIGÁRIO - Diga alto para todos ouvirem!
- JUCA - (gritando muito alto) SIM, SENHO ...
- VIGÁRIO - (para Maruca) A senhora Maruca Melado, quer receber em matrimônio o senhor Juca Pinduca?
- MARUCA - Ora, Seu Vigário! Então não havia de querê? Se a gente não quizesse, não táva aqui ajoieada feito boba...
- VIGÁRIO - Eu sei, eu sei. Mas responda sim ou não.
- MARUCA - Sim sinhô...
- VIGÁRIO - Está bem. Está bem. Pois então eu digo que estão casados. (Benze-os) Podem levantar-se.
- JUCA - (chamando) Seu Vigário... (levanta-se)
- VIGÁRIO - (atendendo) Que é?
- JUCA - (fala-lhe no ouvido) (O Vigário ouve atentamente)



VIGARIO - (explicando-lhe em voz alta) Isso não é comigo. Isso é com vocês mesmos. Fale com a noiva.

MARUCA - (curiosa) Que é, hem?

JUCA - (falando-lhe no ouvido) Sabe o que é? Escuite...

MARUCA - (depois de ouvir com curiosidade, franzindo os sobrecenho) O que?... Isso é pecado! Seu Vigário mesmo já falou...

JUCA - Será que é?

NHO QUIM - (intrigado) O que que é essas conversa baxa aí?

VIGARIO - (interrompendo) Não é pecado, não. Agora estão casados, podem abraçar-se a vontade...

JUCA - (sorrindo satisfeito) Dá um abraço, Maruca? (aperta nervosamente as mãos, de cabeça baixa).

MARUCA - (desenxabida) Ué... Dê ocê primero... (vendo o Vigário) Crédo... Na frente do seu Vigário...

VIGARIO - Por isso não. Eu vou embora... (Sai)

SACRISTÃO - Guarde um para min... (Afasta-se depressa)

TODOS - (indignados) Oh!

NHO QUIM - (mais indignado ainda) Será possive? Agora eu dô um geito nesse sacristão do diácho! (Corre atraz dele)

(Todos ficam olhando para eles que desaparecem. De longe ouve-se éco de grande "pega" m demorado, arfan te, farfalhante, que todos ouvem silenciosamente). Depois de uma pausa entra nho Quim com a roupa em desalinho, um dos olhos preto, cabelo todo desmanchado).

NHO QUIM - (entra manquilotando horriavelmente) Ai, ai... (contem plando o silêncio, reage) Ora, não foi nada. (Faz um sorriso) Vâmo.

Tóca fogo na cangica. Principia a festa.

NECO - Viva Nho Quim!...

CONVIDADOS - Vivaaaaaaa!

(Canto. Desce o pano).

.
.
.
.
.
.

CONVERSA ENTRE SURDAS

A - Bum dia cumadre!

B - Bum dia cumadre! Cumo vai mecê? Cumo vai nho Bento?

A - O vento, cumadre, tá memo forte, principalmente no desem - borcar do sór.

B - Tá cum tesór, cumadre? Cumo é que mecê deixa lhe dá?

A - Resá qual nada, cumadre! Temu resado qui é uma miséria, temu inté feito porcissão!...

B - Tá sofrendo do coração? Cuidado, isso faiz morrê derrepenti..

A - Si tinha genti? Chi! Tinha qui nem frumiga, inté cum pedra na cabeça!...

B - Cumo é?

A - Cum pedra na cabeça!



- B - Acumpridi, tá cum dor di cabeça? Coissa horrivê essa dô.
A - Anôor? Pra morde qui tinha dois: um de S. Benedito e outro de S. Sebastião.
B - O Bastião tamem tá doente? O pórve. Mas cumo anda êste porvoado!...
A - Não andô só no porvoado não, cumadre; saiu tamem por campu arriba, cantando a ladainhã de todos os Santos.
B - Acumpridi; mecê vai morá em Santos? E memo bão pra quem sofre do coração.
A - Si tem coroação? Quar nada; coroação só si faiz no mês da Virge, agora é tempo de penitência, pois inté assucre tá raro!...
B - Caro memo, cumadre. A vida em Santos é munto cara, mais, quem percisa, que vai fazê?...
A - Mecê tem munto qui fazê? Eu tamem tenho, cumadre, inté logo.
B - Que é isso, cumadre? Mecê já vai? Cunversando a gente esquece as maguas.
A - Tá memo pouca água, cumadre, quem sabe si agora as chuvas ven. Inté logo.
B - Inté, cumadre. Quero vê mecê mais vês por aqui, é só mecê que intende os meus males.
A - (depois que a outra sai) Quar!...Essa minha cumadre tá ficando cada vês mais surda, a pórve!...

- - - - -

FESTAS JOANINAS

Sugestões úteis.

DOCES E PETISCOS - Pé de moleque, arroz doce, cocadas, pipocas, cana, batata doce assada na fogueira, cará cosido, milho cosido e assado, pasteis, cangica, manjar, panonha, melado, doces de batata roxa e branca, de cidra, de côco, de abóbora e rapadura, Bolo de São João, pão de ló, mãe benta, baba de moça, aipim, mate, banana da terra e pinhão.

MASTRO - "Entre os costumes populares, em especial da Festa de São João, está o da preparação e levantamento do mastro, guarnecido de ramagens aromáticas, como o rosmaninho, na praça, onde se realizam os festejos". O mastro pode também ser enfeitado com flores de São João, espigas de milho, pencas de laranja, trazendo na ponta um limão espetado.

TERREIRO - Fogueira, fogos de artifício, balões, violões, de - safios, sortes.

DANSAS - Batuque, chula, côco, tirana, fandango e quadrilha (chamamos a atenção dos interessados para a quadrilha caipira que saiu publicada no Boletim Mensal de maio de 1947).

MUSICAS - Algumas músicas para canto e piano que se encontram na Biblioteca de Ed. 1, à disposição dos Educadores:



Seu Geca (monólogo e canto)
Vou vortá pra minha terra (cateretê)
Dois bicudo cantadô (desafio)
Sertaneja (canção)
A viola do sertão (côro)
Rosa Maria (valsa joanina)
Xcdó (tanguinho)
Nhá Maria - Nhô João (dueto sertanejo carnavales
co)
Desafio sertanejo.

DISCOS - Para as Unidades que possuem vitrola, a Biblioteca de Ed. 1 põe à disposição os seguintes discos:

A sanfona do Mané (marcha)
Casório da Maria (vira)
Véspera de São João (mazurca)
Noites de Junho (marcha)
Pedro, Antonio e João (marcha)
Festa na roça (polca)
Dansa da fogueira (marcha)
Na casa do Zebedeu (polquinha)

- - - o o o - - -



D I V E R S O S

O ENSINO DO XADREZ NOS PARQUES INFANTIS

Transcrito da Gazeta Esportiva
em 31 - 3 - 1949.-

"Será levada à Câmara Municipal um projeto nesse sentido.

O ensino de xadrez às crianças, tem por objetivo, proporcionar um útil e agradável divertimento, que, gradativamente, vai despertando o raciocínio, a ponderação a meditação e até boas maneiras na vida prática. De um modo geral - educa.

Por intermédio das crianças, êste ensino viria estender-se às suas famílias, que, o acompanhariam com facilidade e interêsse, produzindo assim, uma segunda espécie de alunos.

É essa a melhor maneira de conseguir-se a difusão do xadrez, no recesso dos lares paulistas, atraindo o interêsse do sexo feminino, dotado de inteligente curiosidade, de tenacidade e de percepção, mais ativas que do homem, aplicando tais qualidades, na prática desse agradável passatempo.

Quanto às crianças, nosso principal objetivo, seria inapreciável o seu valor, desenvolvendo o raciocínio, e assim, auxiliando-as a vencer dificuldades da vida escolar.

O ensino e a difusão do xadrez é, indiretamente, uma obra de grande alcance social e viria também criar uma grande classe de professores especializados no assunto, levando-se em consideração, o grande número de alunos que êste curso proporcionará.

Conhecendo estas qualidades, foi lembrada pela Prefeitura de São Paulo, ministrar o ensino de xadrez nos seus Parques Infantis, idéia esta apoiada pela Secretaria de Educação e Cultura por onde já passou o processo sob o nº 21906 contendo o mesmo os planos de organização, direção e programas. É claro que em outras secretarias êsse processo não demorará levando em consideração os espíritos clarividentes dos atuais secretários em tão boa hora escolhidos pelo exmo. prefeito coronel Asdrubal Euritysse da Cunha.

Esta elevada idéia com aprovação do coronel Gastão da Cunha, presidente da Confederação Brasileira de Xadrez; dr. J. C. de Almeida Soares, técnico da Confederação Brasileira de Xadrez; dr. Américo Porto Alegre, presidente da Federação Paulista de Xadrez; dr. Miguel Pereira, presidente do Clube de Xadrez do Rio de Janeiro; dr. Walter Cruz, campeão brasileiro de xadrez, atualmente representando o Brasil na Argentina e Aristides Arruda Castanho, vice-presidente do veterano Clube de Xadrez São Paulo, é de se esperar que o processo 21906 seja aprovado pelos pares da Câmara Municipal, que, por contentamento de todos os brasileiros é uma câmara formada de vereadores moços, trabalhadores, inteligentes e dotados de espírito de educadores.



Nós, os 55,000 enxadristas do Brasil esperamos a oficialização do ensino lógico desta cultura não só às crianças dos Parques Infantis de São Paulo, mas a tôdas as instituições escolares do país até as casernas do nosso glorioso exército nacional; esperamos com alegria as últimas palavras do exmo. sr. prefeito de São Paulo, coronel Asdrubal Euritysses da Cunha, e exmo. sr. presidente da Câmara Municipal de São Paulo, dr. Waldemar T. Pinto.

Está nas mãos dêstes dois dirigentes do município a execução de um dos feitos de grande alcance social no país, pois é mais que certo, uma vez posto em prática, seja a melhor maneira de difundir a todos os brasileiros de ambos os sexos êste grandioso passatempo.

Por falta de espaço deixamos hoje de noticiar os argumentos numa "Exposição de Motivo" que será lida em plenário por um ou mais líderes da Câmara Municipal."

- - - 0 0 0 - - -



PARA AS UNIDADES EDUCATIVO - ASSISTENCIAIS DA
DIVISÃO DE EDUCAÇÃO, ASSISTÊNCIA E RECREIO

MÊS DE JUNHO

| <u>Dias do mês</u> | <u>Médico</u> | <u>Telefone</u> |
|--------------------|-------------------------|-----------------|
| 1 | Cesário Tavares | 9-3768 |
| 2 | Edgardo Moss | 8-6791 |
| 3 | Ernesto M. Kujawski | 8-8735 |
| 4 | Eugênio Monteiro Junior | 7-7957 |
| 5 | Fernando R. Cruz | 5-0796 |
| 6 | Joaquim C. Marques | 7-0303 |
| 7 | Moacir Pádua Vilela | 7-8719 |
| 8 | Oscar Teixeira | 8-4739 |
| 9 | Oswaldo Helmeister | 4-1568 |
| 10 | Paulo G. Bressan | 3-4198 7-7319 |
| 11 | Abdala Razuk | 7-7098 6-7151 |
| 12 | Adolpho Goldenstein | 51-9945 |
| 13 | Alberto M. Baltazar | 7-2873 |
| 14 | Alexandre M. Silveira | 52-3436 |
| 15 | Cesário Tavares | |
| 16 | Edgardo Moss | |
| 17 | Ernesto M. Kujawski | |
| 18 | Eugênio Monteiro Junior | |
| 19 | Fernando R. Cruz | |
| 20 | Joaquim C. Marques | |
| 21 | Moacir Pádua Vilela | |
| 22 | Oscar Teixeira | |
| 23 | Oswaldo Helmeister | |
| 24 | Paulo G. Bressan | |
| 25 | Abdala Razuk | |
| 26 | Adolpho Goldenstein | |
| 27 | Alberto M. Baltazar | |
| 28 | Alexandre M. Silveira | |
| 29 | Cesário Tavares | |
| 30 | Edgardo Moss | |

NOTA: Se o médico do dia não puder atender, a diretora telefonará ao Dr. Vitor Khouri, 7-2161, ou ao Dr. Aristides Pellicano, 7-1599.

NOTA 2) A condução deverá ser requisitada à Chefia, se não houver possibilidade no momento, o médico usará taxi e apresentará depois a nota de despesa à Secção Técnico-Assistencial.

SECÇÃO TECNICO - EDUCACIONAL

BIBLIOTECA ESPECIALIZADA

| MOVIMENTO - ABRIL | TOTAL | Porcentagem sobre o total |
|--------------------------------------|-------|---------------------------|
| Bibliotecária | 5 | 3,85 |
| Dentista | 2 | 1,54 |
| Educadora jardineira | 3 | 2,31 |
| Educadora musical | 5 | 3,85 |
| Educadora recreacionista | 14 | 10,77 |
| Educadora sanitária | 19 | 14,62 |
| Educadora social | 3 | 2,31 |
| Externo | 6 | 4,62 |
| Farmacêutico | 1 | 0,77 |
| Funcionário administrativo | 38 | 29,23 |
| Instrutor | 30 | 23,08 |
| Operário | 4 | 3,08 |
| TOTAL | 130 | 100,00% |

| CLASSES CONSULTADAS | TOTAL | Porcentagem sobre o total |
|--------------------------------------|-------|---------------------------|
| OBRAS GERAIS - 000 | | |
| Biblioteconomia - 020 | 2 | 1,54 |
| FILOSOFIA - 100 | 2 | 1,54 |
| Psicologia especial - 130 | 13 | 10,00 |
| Psicologia geral - 150 | 6 | 4,62 |
| Moral, Etica - 170 | 2 | 1,54 |
| SOCIOLOGIA - 300 | 1 | 0,77 |
| Assistência. Obras gerais - 360 | 2 | 1,54 |
| Educação em geral - 370 | 11 | 8,46 |
| Folclore. Usos e Costumes - 390 | 1 | 0,77 |
| FILOLOGIA - 400 | | |
| Língua Inglesa - 420 | 2 | 1,54 |
| Língua francesa - 440 | 2 | 1,54 |
| Língua italiana - 450 | 1 | 0,77 |
| Língua espanhola - 460 | 3 | 2,71 |
| Língua portuguesa - 469 | 1 | 0,77 |
| CIENCIAS APLICADAS - 600 | | |
| Medicina - 610 | 17 | 13,77 |
| Educação doméstica - 640 | 4 | 3,08 |
| Arte mecânica - 680 | 1 | 0,77 |
| BELAS ARTES - 700 | 2 | 1,57 |
| Fotografia - 770 | 1 | 0,77 |
| Música - 780 | 5 | 3,85 |
| Divertimentos - 790 | 18 | 13,85 |
| LITERATURA - 800 | 1 | 0,77 |
| Ficção - 800 | 10 | 7,69 |
| Romance - 800 | 9 | 6,92 |
| HISTORIA. GEOGRAFIA. BIOGRAFIA - 900 | 2 | 1,54 |
| Geografia e viagens - 910 | 9 | 6,92 |
| Biografia - 920 | 2 | 1,54 |
| TOTAL | 130 | 99,73% |

DISCOTECA

HISTORIAS - 12

CALENDARIO PARA O MÊS DE JUNHO

5 de Junho

1729 - Nasce no sítio da Vargem do Itacolomí, na vila do Ribeirão do Carmo, hoje Mariana, Estado de Minas Gerais, CLAUDIO MANUEL DA COSTA.

"As idéias de independência despontaram nas cabeças pensadoras e Cláudio achou-se envolvido na conspiração (Mineira). Metido em prisão foi assassinado no cárcere em 1789. Alguns dizem que se suicidara. O governo do tempo fêz-se o eco desta última versão, o que é um motivo para não ser aceita. Em pontos destes os governos são sempre inclinados a mentir. De uma forma ou de outra, Cláudio foi uma vítima do despotismo colonial." (Sílvio Romero, 412, vol. I, pág. 227).

6 de Junho

1818 - Promulgação do decreto criando, no Rio de Janeiro, o MUSEU REAL, hoje MUSEU NACIONAL.

7 de Junho

1848 - Nasce em Guaratinguetá, Estado de São Paulo, Francisco de Paula RODRIGUES ALVES.

8 de Junho

1662 - Morre em Recife, Estado de Pernambuco, HENRIQUE DIAS.

"Foi um dos heróis da guerra holandesa, servindo à frente de seu corpo de pretos, desde 14 de Maio de 1633 até a expulsão dos invasores em 1654. Achou-se em quase tôdas as grandes ocasiões dessa guerra; foi ferido oito vezes e legou aos nossos soldados os mais honrosos exemplos de bravura, disciplina e patriotismo." (Rio Branco, 103, pág. 351).

1785 - Nasce no Rio de Janeiro FRANCISCO DE LIMA E SILVA.

"De regresso de Pernambuco (onde fôra, como comandante das forças imperiais, pôr fim à Confederação do Equador), e estando de semana a dois de Dezembro de 1825, no Faço de São Cristóvão, como veador da Imperatriz Leopoldina, cabe ao brigadeiro apresentar em seus braços à Côrte aquêle que mais tarde será o Imperador D. Pedro II, nascido nesse dia.

Em 1828 assume o comando das armas na província de São Paulo, e, nos dois anos seguintes, na capital do Império.

Toma parte saliente na abdicação de Pedro I, ao lado do povo, sendo escolhido como um dos regentes. Mais tarde é eleito senador pelo Rio de Janeiro.

Muito dedicado a Pedro II, costumava dizer: "Aqui nestes braços o apresentei à Côrte no dia do seu nascimento; com êstes braços o aclamei no Campo de Santana; e com êste coração leal fiz tudo quanto devia para conservar-lhe a coroa." (Af. de Carvalho, 11, pág. 16).

9 de Junho

1597 - Morre em Reritiba, depois, Benevente, hoje Anchieta, Estado do Espírito Santo, JOSE DE ANCHIETA.

11 de Junho

1865 - BATALHA DO RIACHUELO.

"Durara a batalha nada menos de dez horas, e terminou pela completa derrota dos paraguaios. Este feito de Riachuelo, se é sob o ponto de vista militar, um dos mais notáveis de que reza a história, não há dúvida que tem, para os aliados, uma importância excepcional pela sua influência decisiva na sorte da guerra. Ali burlou-se toda a estratégia de López. De agora por diante, sem mais poder naval, tem ele que reduzir-se a guardar desesperadamente uma inútil defensiva." (J. F. Rocha Pombo, 216, vol. IX, pág. 176).

21 de Junho

1839 - Nasce no Rio de Janeiro Joaquim Maria MACHADO DE ASSIS.

"E este, em resumo, o grande espírito: poeta sem mérito extraordinário, "conteur" sem rival, romancista admirável, crítico penetrante, pensador e artista, e, para dizer tudo, o mais alto escritor contemporâneo da nossa língua. Daqui a cinquenta, a cem anos, quando o Brasil fôr, enfim, uma grande nação culta, e houver, realmente, uma "élite" numerosa, que saiba sentir e admirar as obras de pensamento e as obras de arte, será seu nome a grande glória da nossa inteligência. E os críticos que meditarem seus livros dificilmente compreenderão como um mestiço, nascido e vivido numa democracia sul-americana dos fins do século XIX, pôde escrever como escreveram Montaigne, La Bruyère e Voltaire, filhos de Versalhes, da pátria quase perdida, da graça, da medida, da harmonia e da beleza." (J. M. Belo, 259, págs. 62-3).

25 de Junho

1892 - O MUSEU NACIONAL instala-se no Palácio da Boa Vista, Rio de Janeiro.

"Em vinte e cinco de Junho de 1892, o Museu Nacional, reorganizado em virtude do decreto número 379-A, de oito de Maio de 1890, passou a ocupar o Palácio da Boa Vista, onde estivera o Congresso Constituinte. (De quinze de Novembro de 1890 a vinte e quatro de Fevereiro de 1891)." (Noronha Santos, 329, vol. I, pág. 75).

26 de Junho

1862 - Promulgação da lei número 1.157 mandando adotar no Brasil o SISTEMA METRICO DECIMAL.

"D. Pedro II, por graça de Deus e unânime aclamação dos povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil: Fazemos saber a todos os Nossos súbditos que a Assembléa Geral Legislativa decretou, e Nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1º - O atual sistema de pesos e medidas será substituído em todo o Império pelo sistema métrico francês, na parte concernente às medidas lineares, de superfície, capacidade e peso.

Artigo 2º - É o Governo autorizado para mandar vir da França os necessários padrões do referido sistema, sendo ali devidamente aferidos pelos padrões legais..."

CALENDARIO AGRICOLA

Com junho vem o frio, nos Estados meridionais, e cessam tôdas as plantações.

Para os morangos, porém, é chegada a época apropriada. A sua cultura, que até aqui tinha sido muito descuidada, entra agora numa fase prometedora. Os morangos requerem terra boa e bem preparada, um pouco arenosa.

As plantas devem ser dispostas em linhas, à distância de 40 a 60 cms. Uma plantação feita com boas mudas e em boas condições pode conservar-se em produção durante dois a três anos, sem ser reformada.

Na horta, ainda se fazem pequenas sementeiras, entre as quais as de ervilhas, cebolas, repolhos e couves.

- - - - -

INSTRUÇÕES, AVISOS E APELOS

EXIBIÇÕES CINEMATOGRAFICAS A SEREM REALIZADAS NO MES DE JUNHO DE 1949

Iº PROGRAMA - de 6 a 17 de Junho

- FILMES:- 1º-Recreativo - "Vida de Nazista"
 2º-Recreativo - "O Vaqueiro"
 3º-Educativo - "Os dentes"
 4º-Recreativo - "Desenho"

IIº PROGRAMA - de 20 de Junho a 1º de Julho

- FILMES:- 1º-Recreativo - "Academia de Guerra dos Cadetes dos Estados Unidos"
 2º-Recreativo - "O Jeep na Guerra e na Paz"
 3º-Recreativo - "Desenho"
 4º-Educativo - "As abelhas"

HORARIOS:-

- 10 horas para o 1º período
 16 horas para o 2º período
 20 horas para os C.R. e C.M.

| 1º Programa | UNIDADES | 2º Programa |
|-------------|---|-------------|
| 6-6-49 | P.I. da Lapa e C.R. da Lapa | 20-6-49 |
| 7-6-49 | P.I. de Vila Romana e C.R. de V. Romana | 21-6-49 |
| 8-6-49 | P.I. de Casa Verde | 22-6-49 |
| 9-6-49 | P.I. da Barra Funda e C.M. Barra Funda | 23-6-49 |
| 10-6-49 | P.I. do Bom Retiro | 24-6-49 |
| 11-6-49 | R.I. da Praça da República | 25-6-49 |
| 13-6-49 | R.I. da Luz | 27-6-49 |
| 14-6-49 | P.I. Benedito Calixto | 28-6-49 |
| 15-6-49 | P.I. Da. Leonor M. de Barros | 29-6-49 |
| 16-6-49 | P.I. Santo Amaro | 30-6-49 |
| 17-6-49 | P.I. Brooklin | 1-7-49 |

EXIBIÇÕES CINEMATOGRAFICAS A SEREM REALIZADAS DURANTE O MES
DE JUNHO DE 1949

Iº PROGRAMA - de 6 a 18 de Junho

- FILMES:- 1º.-Recreativo "Academia de Guerra dos Cadetes dos Estados Unidos"
2º.-Recreativo "O Jeep na Guerra e na Paz"
3º.-Educativo "As abelhas"
4º.-Recreativo "Desenho"

IIº PROGRAMA - de 20 de Junho a 2 de Julho

- FILMES:- 1º.-Recreativo "Vida de Nazista"
2º.-Recreativo "O Vaqueiro"
3º.-Educativo "Os dentes"
4º.-Recreativo "Desenho"

HORARIOS:-

- 10 horas para o 1º período
16 horas para o 2º período
20 horas para os C.R. e C.M.

| Iº Programa | UNIDADES | IIº Programa |
|-------------|-------------------------------------|--------------|
| 6-6-49 | P.I. de São Miguel | 20-6-49 |
| 7-6-49 | P.I. da Penha | 21-6-49 |
| 8-6-49 | P.I. Presidente Dutra | 22-6-49 |
| 9-6-49 | P.I. de Vila Maria | 23-6-49 |
| 10-6-49 | P.I. de Vila Guilherme | 24-6-49 |
| 11-6-49 | P.I. do Catumbi | 25-6-49 |
| 13-6-49 | P.I. São Rafael | 27-6-49 |
| 14-6-49 | P.I. do Ipiranga e C.R. do Ipiranga | 28-6-49 |
| 15-6-49 | P.I. Lins de Vasconcelos | 29-6-49 |
| 16-6-49 | P.I. D. Pedro II e C.R. D. Pedro II | 30-6-49 |
| 17-6-49 | P.I. do Itaim | 1-7-49 |
| 18-6-49 | P.I. Ibirapuera | 2-7-49 |



NOTA:-

A ABELHA:- É um filme que mostra a vida das abelhas, sua organização, sua ordem, seu trabalho. Salieta a cooperação entre elas e a harmonia em que vivem, decorrente da perfeita divisão do trabalho. Sugerimos aos Educadores pequenas palestras à propósito do tema, visando despertar o interesse das crianças e adolescentes para o assunto do filme.-

OS DENTES:- Esta película constitue um filme educativo, ministrando uma aula completa sobre os dentes, desde a sua embriogênese.

São focalizados diversos pontos interessantes para a manutenção da higiene bucal, como sejam: tratamento dos dentes, prevenção das cáries e males produzidos pelo descuido da limpeza dos dentes.

É de grande conveniência que os Snrs. Dentistas façam pequenas palestras aos educandos de modo a despertar interesse sobre o assunto e assegurar o maior aproveitamento do filme que será projetado posteriormente.

X X X X X

NOTICIÁRIO

PASCOA

Comemorando a passagem da Páscoa de 1949, nas Unidades-Educativo-Assistenciais realizaram interessantes programas festivos. A propósito dessas comemorações, o Setor de Museu e Material Didático da Chefia da Divisão encontra-se enriquecido com os inúmeros enfeites e programas idealizados pelas crianças e Educadores.

Se bem que a tradição do "ovo de Páscoa" seja recente no Brasil (data de menos de 20 anos) não se poderá deixar de reconhecer que ela, nos Estados do Sul, se generalizou e, assim, constitui um fenômeno etnográfico que já se incluiu em nossos costumes.

DIA DAS MÃES

Na data que se convencionou chamar "Dia das Mães", todas as Unidades-Educativo-Assistenciais desenvolvem programas festivos e altamente educativos, visando incutir nos educandos o amor à família, laboratório sagrado, onde a "mãe", anjo tutelar do lar, prepara, forma e conserva a cada instante a sociedade inteira.

Naquele dia, além de palestras educativas, esclarecedoras do relevante papel das mães, de suas responsabilidades como primeiras educadoras de seus filhos, houve recitativos, pequenas audições musicais, bailados e ofertas de pequenos mimos das crianças às suas mães.

Da importância dessas comemorações, não há quem possa duvidar, atendendo a que as mães representam um ponto central na educação afetiva das crianças e mesmo no destino, que fora do ambiente doméstico, elas possam vir a ter.

PARQUE INFANTIL SANTO AMARO

No dia 21 de abril realizou-se a solenidade de reabertura oficial do Parque Infantil de Santo Amaro, que esteve fechado para reforma.

Estiveram presentes à cerimônia: representante do Snr. Prefeito Municipal, Cel. Asdrubal E. da Cunha; Dr. João de Deus Bueno dos Reis; Snra. Noêmia Ippolito; Snra. Gelôira de Campos; Snr. Francisco dos Santos Rodrigues; representantes do Centro de Saúde e do Ginásio Estadual de Santo Amaro, além de diversos técnicos de ED-1 e famílias dos parqueanos.

A festa constou de uma parte artística, com números graciosamente executados pelas crianças e de uma parte desportiva, com jogos disputados entusiasmamente.

Após a festinha, as autoridades presentes visitaram as instalações reformadas, tendo aprovado o trabalho executado. De fato, o Parque Infantil de Santo Amaro passou por uma grande melhoria, impressionando bem pela ordem e bom gosto que reinam em seu recinto.



Está, pois, o Parque Infantil de Santo Amaro, perfeitamente aparelhado para continuar em sua alta missão de educar, assistir e recrear seus frequentadores.

RECANTO INFANTIL DA PRAÇA DA REPUBLICA

Realizou-se no dia 27 de abril, a inauguração das novas instalações do Recanto Infantil da Praça da República.

Estiveram presentes: o Exmo. Snr. João Augusto da Mota, representante do Snr. Cel. Asdrubal E. da Cunha, DD. Prefeito Municipal; Exmo. Snr. Dr. Elias Cavalcanti, DD. Secretário de Educação e Cultura; Exmo. Snr. Prof. Miguel San-sígolo, DD. Diretor do Departamento de Educação, Assistência e Recreio; Exmo. Snr. Dr. João de Deus Bueno dos Reis, DD. Chefe da Divisão de Educação, Assistência e Recreio; Snra. D. Noêmia Ippolito, DD. Chefe da Secção Técnico-Educacional, além de muitos outros técnicos e famílias dos educandos.

O Exmo. Snr. João Augusto da Mota deu início ao ato inaugural, proferindo palavras de incentivo e de louvor.

A seguir, o Exmo. Snr. Secretário de Educação e Cultura, como presidente da mesa, abriu a sessão, que consistiu na representação de diversos números recreativos, muito interessantes.

No final da sessão, usou da palavra o Snr. Chefe da Divisão de Educação, Assistência e Recreio, saudando as autoridades presentes, saudação essa da qual destacamos o seguinte trecho:

"Temos certeza de que o Govêrno de São Paulo, continuando empenhado em fazer progredir as realizações Educativo-Assistenciais que na Prefeitura de São Paulo tiveram por berço o ano de 1935, está dando de sobejo, provas concretas de larga visão, o que merece por certo o reconhecimento de quantos saibam aquilatar, sem partidatismo, o alto valor que representa para o mundo, a contribuição de uma sociedade em elevado grau de civilização".

A seguir, as crianças ofereceram belíssimos ramaletes de flores às autoridades e uma lauta mesa de doces e salgadinhos, confeccionados pelas Educadoras do R.I. -1.

Encerrando as solenidades, as dependências do novo abrigo foram franqueadas ao público.

REUNIAO DE EDUCADORAS MUSICAIS

No dia 2 de maio, realizou-se no salão de Ed-1, uma reunião de Educadoras Musicais.



Estiveram presentes 17 Educadoras que, sob a orientação do Conselheiro de Música, Maestro Martin Braunwieser, debateram os seguintes assuntos técnicos: a) - o desenvolvimento do ensino musical individual; b) - ensino individual rudimentar; c) - ensino do canto orfeônico; d) - instruções sobre o uso do piano.

A reunião foi bastante proveitosa, não só quanto às ótimas conclusões de ordem técnica, senão também por favorecer maior aproximação entre as colegas que trabalham pelo mesmo ideal.

CHEFIA DA DIVISÃO

O Exmo. Snr. Prof. Miguel Sansígolo, DD. Diretor do Departamento de Educação, Assistência e Recreio, além de suas atribuições normais, encontra-se presentemente, respondendo também pelo expediente de ED. 1, em virtude do Snr. Dr. João de Deus Bueno dos Reis ter sido adido à Comissão de Organização e Planejamento.

Assim sendo, levamos esta notícia a todas as Unidades-Educativo-Assistenciais, lembrando aos Snrs. Diretores que, para resolução de suas dificuldades, procurem o Exmo. Snr. Prof. Miguel Sansígolo que está grandemente interessado na resolução dos diversos problemas que existam ou possam surgir nas Unidades-Educativo-Assistenciais.

CINEMA EDUCATIVO

Temos a satisfação de comunicar que a Filmoteca da Seção Técnico Educacional, sob a orientação do Snr. Francisco dos Santos Rodrigues, está em franca atividade, tendo levado a efeito, durante o mês de maio, sessões cinematográficas em todas as Unidades-Educativo-Assistenciais.

Os pequenos contratempos que surgiram e a não realização de sessões, em datas pré-estabelecidas, decorreram da falta de um transporte seguro para a aparelhagem.

Para o mês de junho foi elaborado um novo programa, cujos detalhes vão publicados em outro local.

-----ooo000ooo-----